

O pesar do consenso na formulação da hegemonia: a imprensa como protetora Priscila Marchini Marins

Como citar: MARINS, P. M. O pesar do consenso na formulação da hegemonia: a imprensa como protetora. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 77-80.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p77-80>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

O pesar do consenso na formulação da Hegemonia: a imprensa como *protetora*

Priscila Marchini Marins¹

Este estudo tem como objetivo problematizar o conceito de hegemonia a partir da imprensa com discussão teórica que se mostra de grande importância quando se pretende entender a dinâmica da sociedade. Para isso, será necessário levarmos em consideração como a hegemonia se efetua, sua dominação, sua imposição e sua afirmação em nossa sociedade através de projeto hegemônico construído pela burguesia. Além disso, devemos compreender suas bases e seus conteúdos histórico social em que esse conceito foi e é construído.

É importante introduzirmos que a caracterização da hegemonia como projeto,

permite expressar o programa, o horizonte ideológico, no qual as demais classes se movem. Horizonte que, ao proceder à padronização, ao 'conformismo', desorganiza, inviabiliza, ou tenta, os projetos das demais classes. (...). Horizonte que é a estruturação do campo das lutas, das alianças, do permitido e do interdito. Racionalidade de classe que se faz a história e que obriga às demais classes a pensar-se nessa história que não é delas.²

A hegemonia é um campo de luta e está em constante disputa em que estão vigentes e engloba todos os interesses das classes dominantes. Mas qual o mecanismo em que a classe burguesa se orienta, na contemporaneidade, para a manutenção da hegemonia e da ordem global do capital? A manutenção da hegemonia só se procede se obtiver como aliança e apoio dos *meios de comunicação*, em particular a grande imprensa, que por sua vez também são veículos dominantes com interesses no projeto hegemônico. Isso significa que os interesses da ordem do capital - dos grandes conglomerados -, estão pautados na ação da grande imprensa. Um exemplo típico, é o *reality shows*, como o *Big Brother* que defendem as decisões corporativas. O que representa que a ação da grande imprensa está no papel de organizar e difundir o projeto hegemônico da classe burguesa.

Se a imprensa organiza e difundi a hegemonia, devemos ter em mente a importância da formação dos conteúdos jornalístico - político e ideológico - na divulgação das idéias hegemônicas. Mas além desse aspecto, há toda uma visão de mundo da classe burguesa - homogênea-, em que a imprensa procura fazer algo em que desdobra as melhores condições possíveis para trabalhar em cima dos projetos hegemônicos, sempre atenta na perspectiva de uma reação revolucionária em que possa colocar em risco a ordem do capital.

Com a imprensa hegemônica, a classe burguesa passa a dar maior importância à imprensa partidária, como reforça Antonio Gramsci que a imprensa é partidária. Um exemplo de imprensa partidária neoliberal é a revista *Veja*. Se a imprensa é partidária, trabalha sempre em revestindo

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon/PR. Linha de Pesquisa Estado e Poder. Área de Concentração: História, Poder e Práticas Sociais. Orientação Profa.^a Dra. Carla Luciana Silva.

² DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: a racionalidade que se faz a história. In: *O Outro Gramsci*. São Paulo: Xamã, 1996. P. 34. Grilos meus.

sua função de imprensa, numa perspectiva global, isto é, a manipulação global em conjunto com as outras grandes conglomerações. A finalidade da manipulação é precisamente a de que “o principal efeito dessa manipulação [na informação] é que os órgãos de imprensa não refletem a realidade”.² Para isso, é necessário mostrar que o poder das grandes corporações da mídia, se apoderam do uso da propaganda para lidar – conquistar - com o público a quem pretendem atingir. É o que reflete Noam Chomsky quando mostra que

a propaganda proporciona à liderança um mecanismo para ‘moldar a opinião das massas’, de modo que estas ‘joguem as forças recém - adquiridas na direção desejada (...)’.³

É através da propaganda que podemos encontrar uma forma de disputa da hegemonia. Pois, por esse meio é que o indivíduo é induzido a captar “por meio de imagem artificial e irreal da realidade criada pela imprensa; essa é justamente, a parte da realidade que ele [indivíduo] não percebe diretamente, mas aprende por conhecimento”.⁴ Através da imprensa, as idéias são mais organizadas.

De fato, a imprensa usa e usufrui todos os mecanismos para legitimar o projeto hegemônico de seus membros – lê-se: as grandes corporações que a mídia faz parte. A construção dessa abordagem está pautada em que

não podemos compreender os problemas da imprensa, se não nos perguntarmos sobre o funcionamento da mídia e mais particularmente da informação. (...). Doravante eles [os meios de comunicação] estão conectados uns aos outros, funcionam em cadeia, uns repetindo os outros, uns imitando os outros.⁵

Com isso, podemos justificar que diante do poder usufruído pela imprensa hegemônica e da não veracidade de sua função como meio de informar a sociedade, Ignacio Ramonet vê a importância de entender o funcionamento da imprensa, para que possamos investigar e analisar o mecanismo que pode manifestar na sociedade. Do ponto de vista da História, isso contribui para criar argumentos que possam deslegitimar a visão de mundo burguesa e desmitificar a imprensa e os mecanismos de exploração da classe burguesa.

Como fazer a disputa da hegemonia com a classe dominante? Por mais que questões como está parecem simples, a possibilidade de responder e avançar na compreensão estão no entendimento da construção do movimento em que se pretende analisar. No caso, a hegemonia. A grande imprensa não cede espaço em seus conteúdos jornalísticos a camadas populares ou a conteúdo reivindicatório. Diante disso, Antonio Gramsci propôs como objetivo essencial, a criação instrumento de construção da contra- hegemonia, capaz de resistir à hegemonia nas dimensões nacional e internacional. Como por exemplo, um jornal que deve organizar uma ação orgânica, ter um projeto e proporcionar e, principalmente, ensinar o raciocínio intelectual para que crie uma contra - hegemonia.

De forma pejorativa, a hegemonia é a construção e a interpretação da realidade para a classe que a classe dominante vai dominar, já que a classe dominada não obtém o controle dos

² ABRAMO, Perseu. *Padrões de Manipulação na Grande Imprensa*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003. P. 23.

³ CHOMSKY, Noam. *O lucro ou as pessoas? Neoliberalismo e Ordem Global*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. P. 61.

⁴ PERSEU, idem, p. 24. Grifos meus.

⁵ RAMONET, Ignacio. *A tirania da Comunicação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. P. 39. Grifo meu.

meios de produção. Para Antonio Gramsci a imprensa procura “controlar e dirigir a cultura de seus leitores, que muitas vezes possui elementos de ‘bruxaria’ ou é fantástica, bem como para ‘desprovincianizar’ as noções correntes”.⁶ Podemos evidenciar que é necessário termos consciência para quem ou de quem a imprensa direciona em seus conteúdos jornalísticos, para que possamos obter uma luta pela contra-hegemonia. Vale citar também que é preciso analisar cuidadosamente as condições necessárias na luta pela contra-hegemonia. Lúcia Neves e Ronaldo Sant’Anna mostra que devemos estar cientes que embora

os aparelhos privados de hegemonia, na visão gramsciana, sejam meros instrumentos reprodutores de uma lógica que lhes é imputada externamente. Sob perspectiva radicalmente distinta, tais aparelhos guardam em si mesmos a possibilidade de, conforme a conjuntura histórica, responder contraditoriamente a determinadas demandas e orientações, abrindo espaço para a possibilidade de construção de uma contra-hegemonia [pela classe dominante].⁷

Podemos explicar que a construção de uma contra-hegemonia por parte da classe dominada, pode sofrer a pressão e a interferência da construção, ao mesmo tempo, da construção de uma contra-hegemonia por parte da classe dominante.

Por isso, as contribuições de Antonio Gramsci, como também de outros pesquisadores preocupados em entender a hegemonia, auxiliam em muitos para entendermos a realidade e a função da imprensa que se ocupa na contribuição da construção e interpretação da realidade. A imprensa organiza e junta todos os interesses de várias frações da classe dominante. Outra questão que podemos pontuar, se refere ao papel da notícia que se tornou uma *mercadoria*. É como explica José Arbex Jr. quando discute a notícia como espetáculo, quando pontua que

é óbvio que a hegemonia do grande capital corporativo em geral, e americano em particular, tem sérias e profundas implicações sobre a seleção, distribuição e interpretação da notícia. Centros de formadores de matrizes ideológicas liberais, as grandes corporações elaboram e disseminam discursos e interpretações que reforçam diariamente a ideologia segundo a qual cabe ao ‘mercado’ (...).⁸

Essa ponderação é bem preocupante hoje, pois a notícia que é o mecanismo para a informação da sociedade se tornou interesse do capital, e é a partir da notícia que as megacorporações da mídia conseguem não só manter a ordem global, como também conseguem apartar-se da sociedade à informação. Articular hegemonia com imprensa, ou imprensa com hegemonia, não é uma tarefa tão simples e fácil a ser debatida. O que se deve necessariamente, entender separadamente e, ao mesmo tempo, juntos, todo o conjunto histórico da construção da hegemonia e do funcionamento da imprensa, para entender as relações sociais preponderantes do sistema capitalista. Podemos finalizar que

⁶ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. P. 211.

⁷ NEVES, Lúcia Maria Wanderley. *A nova pedagogia: estratégias do capital para educar o consenso* São Paulo: Xamã, 2005. p.27.

⁸ ARBEX, JR. José. *Showjournalismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001. P. 100.

⁹ DIAS, idem, p. 48.

a hegemonia é exatamente isso: a criação de uma massa de homens capazes de 'pensar coerentemente e de modo unitário' o presente e, portanto, de projetar para o futuro, na perspectiva de um novo patamar civilizatório. Nesse sentido, o elaborador e o sistematizador são igualmente necessário.⁹

O que predomina em nossa sociedade é a realidade dita e construída por um projeto hegemônico com a influência da imprensa. Infelizmente, o que vemos na imprensa é a desestruturação da realidade pela ocultação e pela fragmentação. Se a informação é nos dar notícia clara, coerente, verdadeira e real, perfazendo ao leitor uma leitura de senso crítico e de reflexão, vemos é um silêncio em virtude de interesses com planos e projetos hegemônicos definidos em favor da difusão da ideologia do sistema vigente. Tanto é que

a maior parte do material que a imprensa oferece ao público tem algum tipo de relação com a realidade. Mas essa relação é indireta. É uma referência indireta à realidade, mas que distorce a realidade. Tudo se passa como se a imprensa se referisse a realidade apenas para apresentar outra realidade, irreal, que é a contrafação da realidade real.¹⁰

Se a expressão de uma idéia que é aprimorada através de projetos hegemônicos e posta em ação pela imprensa, através do convencimento, nos induz a deixar aqui uma pergunta "descabida": é apenas uma mera coincidência a formulação do consenso no procedimento da produção das relações sociais contemporânea?

¹⁰ PERSEU, idem, p. 23-24.

meios de produção. Para Antonio Gramsci a imprensa procura “controlar e dirigir a cultura de seus leitores, que muitas vezes possui elementos de ‘bruxaria’ ou é fantástica, bem como para ‘desprovincianizar’ as noções correntes”.⁶ Podemos evidenciar que é necessário termos consciência para quem ou de quem a imprensa direciona em seus conteúdos jornalísticos, para que possamos obter uma luta pela contra-hegemonia. Vale citar também que é preciso analisar cuidadosamente as condições necessárias na luta pela contra-hegemonia. Lúcia Neves e Ronaldo Sant’Anna mostra que devemos estar cientes que embora

os aparelhos privados de hegemonia, na visão gramsciana, sejam meros instrumentos reprodutores de uma lógica que lhes é imputada externamente. Sob perspectiva radicalmente distinta, tais aparelhos guardam em si mesmos a possibilidade de, conforme a conjuntura histórica, responder contraditoriamente a determinadas demandas e orientações, abrindo espaço para a possibilidade de construção de uma contra-hegemonia [pela classe dominante].⁷

Podemos explicar que a construção de uma contra-hegemonia por parte da classe dominada, pode sofrer a pressão e a interferência da construção, ao mesmo tempo, da construção de uma contra-hegemonia por parte da classe dominante.

Por isso, as contribuições de Antonio Gramsci, como também de outros pesquisadores preocupados em entender a hegemonia, auxiliam em muitos para entendermos a realidade e a função da imprensa que se ocupa na contribuição da construção e interpretação da realidade. A imprensa organiza e junta todos os interesses de várias frações da classe dominante. Outra questão que podemos pontuar, se refere ao papel da notícia que se tornou uma *mercadoria*. É como explica José Arbex Jr. quando discute a notícia como espetáculo, quando pontua que

é óbvio que a hegemonia do grande capital corporativo em geral, e americano em particular, tem sérias e profundas implicações sobre a seleção, distribuição e interpretação da notícia. Centros de formadores de matrizes ideológicas liberais, as grandes corporações elaboram e disseminam discursos e interpretações que reforçam diariamente a ideologia segundo a qual cabe ao ‘mercado’ (...).⁸

Essa ponderação é bem preocupante hoje, pois a notícia que é o mecanismo para a informação da sociedade se tornou interesse do capital, e é a partir da notícia que as megacorporações da mídia conseguem não só manter a ordem global, como também conseguem apartar-se da sociedade à informação. Articular hegemonia com imprensa, ou imprensa com hegemonia, não é uma tarefa tão simples e fácil a ser debatida. O que se deve necessariamente, entender separadamente e, ao mesmo tempo, juntos, todo o conjunto histórico da construção da hegemonia e do funcionamento da imprensa, para entender as relações sociais preponderantes do sistema capitalista. Podemos finalizar que

⁶ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. P. 211.

⁷ NEVES, Lúcia Maria Wanderley. *A nova pedagogia: estratégias do capital para educar o consenso* São Paulo: Xamã, 2005. p.27.

⁸ ARBEX, JR. José. *Showjournalismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001. P. 100.

⁹ DIAS, idem, p. 48.

a hegemonia é exatamente isso: a criação de uma massa de homens capazes de 'pensar coerentemente e de modo unitário' o presente e, portanto, de projetar para o futuro, na perspectiva de um novo patamar civilizatório. Nesse sentido, o elaborador e o sistematizador são igualmente necessário.⁹

O que predomina em nossa sociedade é a realidade dita e construída por um projeto hegemônico com a influência da imprensa. Infelizmente, o que vemos na imprensa é a desestruturação da realidade pela ocultação e pela fragmentação. Se a informação é nos dar notícia clara, coerente, verdadeira e real, perfazendo ao leitor uma leitura de senso crítico e de reflexão, vemos é um silêncio em virtude de interesses com planos e projetos hegemônicos definidos em favor da difusão da ideologia do sistema vigente. Tanto é que

a maior parte do material que a imprensa oferece ao público tem algum tipo de relação com a realidade. Mas essa relação é indireta. É uma referência indireta à realidade, mas que distorce a realidade. Tudo se passa como se a imprensa se referisse a realidade apenas para apresentar outra realidade, irreal, que é a contração da realidade real.¹⁰

Se a expressão de uma idéia que é aprimorada através de projetos hegemônicos e posta em ação pela imprensa, através do convencimento, nos induz a deixar aqui uma pergunta "descabida": é apenas uma mera coincidência a formulação do consenso no procedimento da produção das relações sociais contemporânea?

¹⁰ PERSEU, *idem*, p. 23-24.